

Rev. Me. Victor Hugo de Oliveira Marques, OASB

Rev. Me. Arcediogo Elias Mayer Vergara, OST

Gisara Cunha dos Santos

1. Uma palavra inicial

A ideia de identidade é muito antiga. Ela remonta as primeiras civilizações humanas. Porém, foram os gregos que primeiro disseram algo importante sobre a identidade. Para eles, identidade era um *princípio lógico-matemático*: “A é igual a A” ($A = A$). Isso não podia ser diferente, caso contrário feriria o *princípio de não contradição*: “uma coisa não pode ser uma e outra coisa ao mesmo tempo”. Essa forma de entender a identidade matemática incidiu sobre o modo de compreender as coisas e as pessoas de modo geral. Ela passou a significar aquilo que identifica alguma coisa na sua singularidade. É aquilo que confere *unidade e ao mesmo tempo delimitação, distinguindo-a de todas as outras coisas*.

Contudo, a ideia de identidade, ao ser usada pela filosofia grega, recebeu uma característica filosófica. Além de seu sentido comum de identificação e delimitação, ela passou a ser vista como *“essência”, aquilo que não pode mudar*. Assim, a identidade de alguém ou de algo é aquilo que é inato a cada um e não sofre influência nem da história nem da cultura. Mudam-se os “acidentes” (o cabelo cai, a pessoa pode engordar, pode aumentar de tamanho, pode envelhecer, etc.), mas a essência (identidade) continua sendo a mesma. Esse tipo de compreensão de identidade não se expressa em algo visível aos olhos, mas *ela é puramente conceitual*. Não se vê os elementos da identidade, ela apenas se constata racionalmente e o que muda não pertence a ela. A identidade “enquanto essência” alcançou o cristianismo primitivo e o determinou profundamente. Até hoje, percebemos em algumas tradições cristãs milenares a defesa da “Tradição Teológica” como algo intocável.

¹ Ensaio produzido pelo “GT Identidade” por ocasião das reuniões de Planejamento Estratégico Provincial ocorridas entre os meses de agosto a outubro de 2019. Este deve ser lido como um manuscrito provocativo e provisório a título de incentivar novas produções a respeito do assunto.

Na idade moderna, com o advento da ideia de “Sujeito” e “subjetividade”, a ideia de identidade sofre uma mudança. Se até então a identidade era uma “essência” inata (algo único e imutável), agora a identidade é entendida como **“aquilo que cada um quer ser”**. Entendeu-se que nada no mundo é isolado e tudo está em relação. Não existe um mundo imutável como se pensava no passado, mas o mundo é movimento. Assim, a **identidade é aquilo que cada um ou grupo toma para si como seu**. É o processo de reconhecimento de si em algum tipo de relação. Não é algo mais que já está dado, mas **é algo que pode ser construído e reconstruído, dependendo do momento histórico e cultural que se vive**. É a subjetividade ou intersubjetividade que definem aquilo que querem ser. Sua expressão, com efeito, se dá ao contrário do passado, não mais como algo (uma essência, um núcleo interior) que está atrás da aparência, mas **na própria aparência**. É no modo de vestir, no modo de falar, no modo de comportar-se que se vê a identidade. Esse modo de compreender a identidade incidiu diretamente nos movimentos protestantes modernos que retiravam das autoridades clericais seu poder eterno e imutável. A “Tradição” como algo intocável deixa de ser incluída na Identidade e apenas a fonte das origens (sagradas escrituras) deve a ela pertencer, ficando livre a interpretação dessas origens.

Por fim, vivemos em mundo em transição. O sujeito moderno já não é mais aquele que tem autonomia do momento. Pelo contrário, vivemos em um mundo da crise das mediações: Estado, Religião, Moral, Família, Sociedade, nada disso mais nos é referência. A liquidez nos consome e a rapidez das tecnologias nos faz sentir que sempre estamos aquém daquilo que deveríamos estar. O perigo do relativismo e do subjetivismo nos ronda e toda ideia de estabilidade é visto como démodé.

Hoje, não existe mais a ideia de “uma” identidade que pode ser alterada ou incrementada por “outra”. O que ocorre é a **perda da ideia de identidade**. As pessoas já não querem mais ser identificadas ou delimitadas, elas **querem ter a liberdade de viver uma eterna mudança de modos de ser de acordo com a conveniência**. Identidade não é aquilo que me identifica, que mostra quem eu sou, mas simplesmente mostra **aquilo que quero expressar no momento**, no segundo (as vezes). Esse tipo de identidade se expressa não exatamente no modo de se comportar, mas justamente na **rapidez e na liberdade de reconstrução das identidades utilizadas ao mesmo tempo**.

Tendo em vista essas três definições de identidade, nos parece que *a compreensão da identidade moderna é ainda a nossa compreensão de identidade*. Com a influência protestante, não aceitamos a rigidez e a imutabilidade da Tradição Romana. Por outro lado, também não entendemos que a visão pós-moderna seja aquela que deva nos traduzir, nos sucumbindo em densos relativismos e anarquias (tal como as pessoas creditam ser o anglicanismo). Temos sim certa “Tradição Cristã-Católica” que nos precede e que consideramos importante manter. Nesse sentido, parece que nossa compreensão de identidade ainda nos pende para a modernidade.

De modo geral, somos uma instituição religiosa que, muito mais do que cultivar apologeticamente uma Tradição que está para além das influências históricas e culturais, nos reconhecemos como protagonistas de nossa própria Tradição. Essa é construída e reconstruída à luz dos desafios culturais e históricos de cada tempo, sem, com isso, nos levar a uma total anarquia. Nossa identidade, com efeito, se manifestaria muito mais nos elementos práticos e aparentes (visíveis aos olhos) do que a um conjunto doutrinário mental constituidor de uma essência. *Somos o que expressamos ser.* Mostramo-nos como somos e podemos, à luz da prática pastoral, nos amalgamar, mas para continuarmos a ser.

2. Identidade da IEAB, uma síntese!

A Identidade da IEAB, no início do século XXI, se conforma ao longo de sua história, aos *limites e possibilidades religiosas do Livro de Oração Comum - LOC*. No seu conteúdo litúrgico, ela se identifique com a teológica encarnada; possui uma pastoral voltada preferencialmente aos necessitados do mundo; sustenta certa governança democrática e participativa; e se inclina a uma missão voltada aos pequeninos da terra. Tais condições tornam possíveis: a garantia de todos os fiéis o exercício pleno do sacerdócio de todos os cristãos, abrindo, a cada nova versão do LOC, novas possibilidades de diálogo desta Igreja com as muitas partes que compõem a rica diversidade de nossa cultura.

Em sua última versão de 2015, o LOC garante a todas as pessoas o acesso pleno a todos os sacramentos. Somos, portanto, *protestantes/evangélicos, católicos/sacramentais, que se expressa em: uma liturgia teológica encarnada/social; práticas ecumênicas, inclusivas, não normativas em usos e costumes, defensora dos direitos humanos e de todas as suas demandas sociais dos que historicamente foram colocados nas periferias; aberto ao diálogo com os*

avanços humanitários e civilizatórios da sociedade. Somos a arte viva de um mosaico em construção, nunca plenamente acabado, num esforço permanente de ver, em suas práticas, refletir o rosto plural da cultura brasileira e latino americana.

3. A Expressão da Identidade da IEAB

3.1 Somos Protestantes/evangélicos: A IEAB (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil) se instala no território brasileiro no final do século 19, no conjunto das missões das principais igrejas protestantes históricas, que com a queda do Império e início da República, ganham o direito de aqui se instalarem, legalmente, obrigando assim que o catolicismo apostólico romano rompa de fato com o Estado e deixe de ser a igreja cristã hegemônica. A Igreja Anglicana neste seu início, bem como as demais igrejas protestantes históricas construíram a sua identidade na negação de tudo o que era do sistema simbólico religioso católico romano. O anglicanismo das primeiras décadas no Brasil, era portanto, protestante ligado à reforma do século 16 e Evangélico por defender a Bíblia como única fonte doutrinária e assim a Igreja Anglicana, bem como as demais Igrejas Protestantes, tornam-se uma grande alternativa religiosa ao catolicismo feudal/autoritário, semianalfabeto, que rezava em latim, mágico e supersticioso. As igrejas protestantes vão promover uma mudança em nossa cultura: Cada templo, uma escola! O fiel precisava sair do analfabetismo para dominar os conteúdos bíblicos, agora estruturantes da nova fé, moderna, racional e democrática. Estava pois firmada a identidade protestante/evangélica frente a um catolicismo que continuava sendo arcaico, rezando em latim, e estimulando a fé mágica. Assim se estabeleceu a identidade dos primeiros 50 anos de anglicanismo no Brasil. Aqui ainda não se pode dizer que somos um mosaico. Somos mais um retrato das diferentes faces do protestantismo histórico recém chegado no Brasil.

3.2 Somos católicos/sacramentais: Com o fortalecimento do Seminário Teológico Anglicano no Sul do Brasil e posteriormente em São Paulo, a partir das décadas de 50/60, muitos estudantes foram buscar especializações teológicas na Igreja da Inglaterra. Lá conheceram outras heranças teológicas anglicanas, dentre elas a catolicidade que desde sempre esteve presente nesta tradição. Uma Igreja sacramental, que propõem a relação do fiel com Deus através do sacramento/objeto. Com o retorno destes estudantes, agora clérigos da Igreja, iniciou-se o

movimento de fortalecimento da raiz católica/sacramental nas terras brasileiras. Velas foram trazidas para o altar, a eucaristia e os demais sacramentos passaram a fazer parte do centro da vida litúrgica da igreja, a vestimenta dos sacerdotes assemelhou-se a dos padres católicos. Estabeleceu-se então o primeiro grande conflito na IEAB: diálogo/crise, entre a tradição primeira protestante/evangélica/bíblica que vê o acesso entre o fiel e Deus de forma direta, sem mediações e a tradição recém chegada católica/sacramental, que admite a mediação/acesso entre o fiel e Deus, através dos objetos sagrados/sacramentos.

3.3 Ficamos mais parecidos com os católicos romanos e estes mais parecidos com os anglicanos!

A teologia encarnada/social, vai encontrar no Brasil e na América Latina, uma grande reverberação na Teologia da Libertação e no Concílio Vaticano Segundo, que promove uma grande mudança na conduta da tradição Católica Romana na América Latina. Os padres e as freiras largam suas batinas, os fiéis foram estimulados a ler e conhecer a bíblia, o discurso da igreja romana desceu dos altares e ganhou as ruas, abandonam o latim e em seu lugar, se fala a língua do povo. E nós anglicanos, ainda muito marcados pela herança evangélica/protestante, vimos a Igreja Católica se evangelizar. Perdemos então o trunfo da novidade. O que entendíamos ser nossa identidade, agora está dito também pela tradição católica/romana. Não foi mais possível estabelecer a identidade anglicana como negação de tudo o que era católico romano. Ficamos muito parecidos. Neste tempo se estabelece uma outra forte crise de identidade: Os católicos romanos nos vêm como muito protestantes/evangélicos e os protestantes/evangélicos nos vêm como muito católicos. Ambas tradições nos olham com desconfiança, como se fossemos uma falsa tradição católica ou uma falsa tradição evangélica.

3.4 Somos ecumênicos e defensores dos Direitos Humanos e dos movimentos sociais que deles demandam: A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) que surge como um antídoto a intransigência humana que promoveu a barbárie da segunda guerra mundial, motiva as igrejas cristãs, em tempo histórico concomitante, a criar o Conselho Mundial de Igrejas por perceberem sua responsabilidade/pecado, na reconstrução da Paz no mundo. O Ecumenismo portanto, tem em seu DNA, a mesma natureza histórica e compromisso que construiu a Carta Magna dos Direitos Humanos.

Portanto, por influencia do ecumenismo, acordou-se por um Jesus histórico/encarnado, que desceu dos céus para viver entre os seres humanos, que se importa com tudo quando implica na vida das pessoas, da sociedade e de toda a criação. Assim sendo, o testemunho da IEAB e das igrejas ecumênicas, vai consolidar-se com o comprometimento as várias demandas dos direitos humanos nos movimentos sociais que defendem a vida plena e o acesso a direitos. Nossa identidade vai agregar ao ainda precário desenho de nosso mosaico, o ecumenismo (casa-comum).

É portanto no campo do ecumenismo, nas suas mais diferentes formulações no Brasil, na América Latina e no mundo, que as grandes pautas do avanço libertário das Igrejas começa a surgir. O movimento ecumênico tornou-se um espaço de vanguarda e de profecia que era impossível no interior enclausurado das igrejas amedrontadas com a ditadura militar no Brasil e na América Latina. O Jesus encarnado vai no ecumenismo ganhar o rosto de mulheres, de negros, de pobres, de indígenas, de refugiados, que jovens e crianças, deficientes físicos, de homossexuais e tantos outros rostos de gente oprimida.

3.5 Somos cada vez mais brasileiros: A IEAB começa então a sair de sua característica binária católica/protestante e gaúcha e vai adquirindo outras formas de rostos identitários. O episcopado antes todo estrangeiro, agora começa a sagrar os primeiros bispos nacionais. O anglicanismo sai do RGS e ganha o sudeste, o norte, o nordeste, o centroeste e a Amazônia. Assim, a igreja que antes era de marca norte-americana e gaúcha, agora se torna Paulista, Carioca, Nordestina, Candanga, Amazonense. As lideranças clericais e leigas começam a sair de seu gueto. O sul recebe dezenas de líderes anglicanos nordestinos e o nordeste se abre igualmente a presença de líderes de outras partes do Brasil. A partir da década de 1980, a IEAB torna-se muito mais brasileira em sua composição comunitária e nos diferentes níveis ministeriais e de sua governança. O mosaico do anglicanismo passa a ser falado em muitos sotaques brasis!

3.6 Cremos que lugar de mulher é onde ela quiser: O movimento ecumênico ajudou a abrir o diálogo da Igreja com os movimentos feministas e nasce a partir daí a teologia encarnada feminista que depois de 30 anos de militância conquista a possibilidade das mulheres equipararem-se aos direitos dos homens no acesso a qualquer lugar ministerial/sacramental, na vida da Igreja. Hoje as mulheres compõem a maioria da base das comunidades onde são leigas,

diáconas, presbíteras e bispas. A inclusão plena das mulheres na vida da IEAB, aperfeiçoou o incipiente mosaico da diversidade anglicana.

3.7 Sacramentos para tod@s: Também se deve ao movimento ecumênico, as primeiras discussões sobre sexualidades humana nas igrejas. Ao lado do movimento pela ordenação feminina e com a aprovação pela igreja da possibilidade de casamento de pessoas divorciadas, iniciou-se no Brasil, no final da década de 90, os primeiros ensaios/estudos sobre diversidade sexual e a sua relação com a IEAB. Este movimento enfrentou toda a carga dos tabus que historicamente constituíram a sociedade brasileira como machista e heteronormativa. Em junho de 2018, em seu Sínodo/Assembléia Geral, depois de 30 anos de diálogo com a sociedade e com os seus fiéis, a IEAB assume ser uma igreja que acolhe todas as diversas orientações sexuais e aprova o casamento para pessoas do mesmo gênero sexual. Assim, nosso mosaico ganha mais cores e mais peças. Podemos enfim dizer: agora os 7 sacramentos são oferecidos a tod@s as pessoas, indistintamente!

3.8 Incidência pública e diaconia: Com o processo de redemocratização na política brasileira a partir da década de 80, a IEAB, através da liderança de leigos, clérigos e bispos, pouco a pouco, vai firmando uma postura apoiadora dos grupos de direitos humanos, dos movimentos sociais que defendem a vida, assumindo a defesa de minorias sociais, apoiando e defendendo os projetos políticos e sociais que viabilize as demandas do Evangelho e denunciando todos os agentes e as práticas que geram a morte, promovendo arbitrariedades que ameaçam o acesso dos direitos de todos e da democracia. Muitas comunidades locais acolhem programas e projetos de diaconia/serviço. Dioceses formulam comissões de defesa dos direitos humanos e pastorais de minorias são criadas. A câmara episcopal, como nunca antes em sua história, unanimemente, tem produzido cartas abertas a nação denunciando os desmandos políticos que negam os direitos fundamentais dos cidadãos. Assim quanto mais a democracia e os direitos humanos são atacados, maior tem sido a necessidade da IEAB se pronunciar, claramente na “renuncia ao mal e a todos os seus poderes que se rebelam contra Deus, corrompem e destroem as criaturas e nos afastam do amor de Deus” (LOC pg. 552, rito batismo).

4. Desafios para Identidade da IEAB

4.1 Não somos apenas uma peça, somos o mosaico em construção! Como atualizar a herança protestante/evangélica e a herança católica/sacramental ? Estamos erradamente vivendo um processo em que a tradição protestante/evangélica está sendo identificada com a tradição mais antiga da Igreja e por conseguinte como arcaica e conservadora. É preciso atualizar o sentido de ser evangélico/protestante. Da mesma forma que é necessário que se compreenda que a tradição católica não é apenas a colagem da experiência católica romana trazida por inúmeros sacerdotes provenientes desta denominação. Há uma compreensão anglicana do ser católico/sacramental que igualmente requer uma atualização. A Igreja Anglicana é a única tradição cristã, que mantém dentro de si, a positiva tensão de pertença protestante/evangélico e católico/sacramental. O grande desafio é como a tradição religiosa (católica ou protestante) trazida pelos novos anglicanos migra para incorporar, como nova identidade, o já construído mosaico anglicano. Não se pode ser apenas uma peça, precisamos ser o mosaico!

4.2 LOC para tod@s. O Livro de Oração Comum como normatizador da identidade, precisa ser popular, de domínio pleno de tod@s. Cada novo anglicano precisa tomar posse plenamente de todos os recursos que o LOC promove aos seus fiéis, inclusive os analfabetos. Há que se construir uma prática em que o leigo assuma aquilo que se afirma em uma das importantes orações do batismo: “Somos membros do corpo de Cristo, filhos e filhas do mesmo Pai Celestial, cidadãos do Reino de Deus. Confessamos a fé no Cristo crucificado, proclamamos a sua ressurreição e compartilhamos do seu eterno sacerdócio.” (LOC 559, Ofício de Batismo). Portanto precisamos a partir do batismo, quebrar uma herança clericalista onde o leigo foi desautorizado de seu compromisso sacerdotal, missionário, evangelizador. O LOC, juntamente com a bíblia, devem ser os dois principais instrumentos de catequese dos novos membros da igreja. Nossa última versão do LOC, contem todos os principais parâmetros identitários com os quais nos identificamos neste início do século 21. É urgente pois, CONHECER o LOC. Viver seu espírito litúrgico e empoderar os leigos com as suas possibilidades. Assim como a Bíblia escrita na língua do povo permitiu a libertação deste povo do jugo hermenêutico do sacerdotes até o século 16, o LOC de Tomas Cramer 1549 libertou o povo do controle litúrgico sacerdotal que só rezava em latim. O leigo com o LOC, pode enfim ser também um sacerdote!

Precisamos ainda resolver a equação de que somos uma igreja dos livros em uma cultura ainda marcada pelo analfabetismo, deficiências de visão e de fala. Como podemos transformar o conteúdo do LOC para os iletrados e os analfabetos? Poderíamos pensar em versões do LOC que pudessem falar aos vários brasis: nordestino, amazonense, nortista, carioca, paulista, candango, gaúcho, etc...? O LOC pode vir a ser um banco de dados na internet com o texto oficial disponível, com uma coleção de outras versões regionais que também poderiam fazer parte deste processo permanente de construção do mosaico anglicano.

4.3 Fraco testemunho: Há uma generalizada vergonha de ser anglicano! O Testemunho do que somos é quase inexistente. A liturgia e as práticas de fé ainda não reverberam na construção de um ente/fiel religioso com sua estima positiva/falante. Talvez precisamos assumir nosso tamanho. Somos uma igreja pequena! Somos poucos e estamos presentes em poucos lugares. Mas a pergunta é: Como a sociedade nos vê? Nossa presença tem incidência pública? Nossa liturgia responde as demandas subjetivas de quem nos assiste e visita. O que dizem os outros a nosso respeito? Parece que em muitos lugares, nossa presença é como a de uma relíquia, tão importante e valiosa, que precisa ser escondida. É necessário rasgar o véu. Descortinar. Mostrar quem somos e no que cremos e a quem nossa mensagem se destina!

4.4 Pouca nacionalidade, muita dependência. Ainda somos uma Igreja no Brasil e muito pouco do Brasil. Já avançamos muito ao sairmos de uma consciência de Igreja norte-americana e gaúcha. Porém nossas mãos do labor da subsistência ainda se voltam demasiadamente aos recursos das igrejas mais ricas de nossa comunhão anglicana. Somos ainda uma igreja muito colônia! Em nossos pratos precisa estar o feijão com arroz. Somos uma Igreja pobre e vivemos ainda como se ela fosse rica, norte-americana, ou primeiro mundista. Somos brasileiros, terceiro-mundistas. Assumir o feijão com arroz nos ajudará a pleitear também um assado, um cozido, um prato mais completo e sofisticado. Precisamos construir, pouco a pouco, uma cultura da autonomia, do nacional. Nossos membros precisam sustentar com os seus recursos e o patrimônio da igreja, o projeto de igreja que desejamos. Temos desperdiçado historicamente muito recurso econômico. Os leigos precisam ter maior compromisso com a Igreja presente e futura e o clero precisa permitir que os leigos, de fato, participem nos processos decisórios da administração da Igreja. Precisamos ser mais uma Igreja de chão/estrada e menos uma igreja de avião/aeroporto! Precisamos ter o mesmo rigor no tratamento dos recursos da

igreja que temos com os nossos próprios recursos. Promover a autonomia financeira e a plena transparência administrativa é o grande desafio!

4.5 Liturgia Alegre: Não é compreensível que com um LOC tão rico de conteúdo, tenhamos uma sensação tão grande de tristeza e cansaço ao final de nossos cultos em nossos fiéis. A liturgia precisa ser alegre. O investimento na liturgia é muito pequeno. Uma peça de teatro com uma hora de duração, tem pelo menos 50 a 100 horas de ensaio. Tem cenário, tem figurino, tem o preciosismo do som, da iluminação, da marcação de cada cena. Os atores que não assume o papel que interpretam, não convencem a plateia. A liturgia, como sabemos, tem o teatro como berço de seu nascimento. Quantas horas cada comunidade gasta para construir uma hora de culto. Quanto investimento na música, metade da construção do culto, cada comunidade tem feito? Temos sido displicentes com o valor da liturgia. Se ela é tão central, precisa ser de fato colocada no centro de tudo. Precisa ser o centro de nossos investimentos financeiros e humanos. Se a liturgia não promover conversão, todo o restante de nosso planejamento estratégico estará comprometido e não produzirá os resultados esperados. Precisamos avançar nos processos de enculturação em nossa liturgia. O Brasil é alegre, festivo, poético, musical, corporal. Este Brasil precisa se instalar em nossa maneira de produzir o culto e em nossas reuniões de assembleias de decisão. Alegria, alegria – brasilidade!

4.6 Afinar os discursos, às práticas – Nosso texto é de excelente qualidade, mas nem sempre correspondem as nossas práticas. Temos produzido excelentes avanços nas conferências de lideranças, nos concílios, nos Sínodos, porém vemos as palavras ganharem os ventos. Falamos que na identidade precisamos incluir tod@s, mas quantos, de fato, já compõem o mosaico em construção? Ainda temos uma fotografia da IEAB muito branca, classe média, intelectual no corpo constitutivo de nossas comunidades. A diversidade da IEAB ganhou a diversidade da geografia do Brasil, mas não conseguiu ainda ganhar a diversidade étnica e social que nos constitui como o país mais miscigenado do planeta. Há muitos lugares vazios no mosaico em construção: os negros estão ausentes, os índios estão ausentes, os pobres estão ausentes, os deficientes físicos estão ausentes e tantos outros.

5. Uma Palavra final – Se estas provocações se identificam com a natureza daquilo que até aqui construímos, então precisaremos entender que nunca estará concluída a construção de nossa identidade – viveremos sempre a angústia de nossa provisoriamente. Estaremos sempre no

exercício do aprendizado daquilo que trazemos como nossa ancestralidade, nossa tradição – a imagem do mosaico já definida estaremos tensionados/desafiados ao novo, aos que ainda não chegaram, aos diálogos que ainda não fizemos. O LOC como dorso de nossa identidade precisará de tempos em tempos de novas atualizações na medida que o mosaico identitário tiver criado novas possibilidades. Porém em um tempo civilizatório em que o mundo e as pessoas estão divididas em apenas duas possibilidades, pensar em uma identidade plural, é pensar em ser identidade/instituição contra-cultura, contra/mão civilizatória, não adequada a adesão das massas. Teremos pois feito historicamente uma escolha! – seremos pois uma IEAB das minorias em um mosaico multicolor. Seremos poucos! Um pequeno rebanho! Um resto de Israel – Uma IEAB incomodante, viva, de quem, talvez, muito se vá ouvir falar! ...ou então nossa pequenez nos levará a outro lugar.... Amém!